

O FEITIÇO ENCONTRA O FEITICEIRO

MD Magno

Palestra no Ciclo
Fetichismo, Construção e Uso na Esfera da Cultura,
Centro Cultural Banco do Brasil / CCBB/ RJ.
Mesa com Joel Birman, apresentada por
Maria Rita Kehl, 11 maio 1999.

1. Etimologia e relações do termo *fetichismo* – Freud: recalque e perversão.
2. Fetichismo garante poder de gozo para o enfeitado – Não há fronteira nítida entre fetichismo e perversão – Todo mundo é fetichista – Cada um goza como goza.
3. Fantasia: deslanchadora de gozo – Fetichização da mercadoria e perversidade social – Fetichismo cultural – Há, no Brasil, o fetichismo do estrangeiro.
4. Marcel Duchamp: crítica à fetichização do objeto visto – Panguardia (obra de maneiras): ‘sentir tudo de todas as maneiras’ – Não existe homossexualidade: qualquer um é outro diante de mim.

1. Minha presença aqui se deve ao gentil convite de Ligia Canongia, que está produzindo um evento de alta oportunidade, uma vez que a questão do fetichismo, através de toda a velharia da história da psicanálise, continua de pé. E mesmo com possibilidade de se tornar uma questão candente para a própria psicanálise em seu processo de renovação, já que ela não é – como nenhum outro pensamento, aliás, articulação científica ou não – livre de estar comprometida com suas neuras pessoais, suas deficiências de reflexão e seus momentos históricos de produção. Este evento é da maior importância, pois foi construído como um aparelho de

debates envolvendo muitas pessoas além de psicanalistas, psicólogos, psiquiatras e outros *psis*, que às vezes dão a impressão de se apoderar do conhecimento a respeito de uma área na qual muitos deveriam meter a colher.

A palavra *fetiché*, no Aurélio, denota um objeto inanimado ou animado, feito pelo homem ou produzido pela natureza, ao qual se atribui poder sobrenatural e se presta culto. Sinônimos podem ser: ídolo, manipanso, amuleto, talismã. O verbete *ídolo*, redundantemente, diz que se trata de uma estátua ou simples objeto cultuado como deus ou deusa. Objeto no qual se julga habitar um espírito, e por isso venerado. O verbete *manipanso*, que fez Jô Soares rir outro dia, diz de um ídolo africano, que é uma pessoa gorda. O verbete *amuleto*, muito conhecido no Brasil mediante as credices populares, indica um pequeno objeto – pode ser uma figura, uma medalha, uma figa, etc. – que, desde a mais alta antiguidade, alguém traz consigo ou guarda por acreditar em seu poder mágico passivo de afastar desgraças ou malefícios; é um talismã preservativo. Engraçado este nome, não é? *Talismã* (do grego *telesma*, ‘cerimônia religiosa’, através do persa *tilismat*) é um objeto de formas e dimensões variadas ao qual se atribuem poderes extraordinários de magia ativa, possibilitando a realização de aspirações ou desejos. É também: encanto, encantamento.

Vejam que, do ponto de vista da língua e da apreciação do povo usando essa língua, praticamente qualquer coisa serve para ser um fetiché. O que então dá a essa qualquer coisa, pessoa,

espaço, evento – mesmo este evento aqui –, a condição de fetiche? Se acompanharmos passo a passo a produção de Freud, veremos que está cheia de bobagens. Vemos isto hoje, na medida em que o pobrezinho só podia fazer o que sua teoria garantisse, desse estofó. Ele, naquela época, precisava sustentar o império do conceito de Recalque. Como dizia, a psicanálise se apoia sobre uma pedra angular chamada *recalque* e corretamente fez todo tipo de malabarismo necessário para garantir que todos os conceitos se esteassem num procedimento de compreensão através da ordem do recalque. Só que esse conceito, tal como formulado por Freud antes ainda de toda a história que tivemos oportunidade de percorrer e ele não, era um pouco danificado, a meu ver. Depois, Lacan vem com seu estruturalismo e amarra de outro modo a psicanálise. Mas encontramos nos escritos de Freud uma grande oscilação entre considerar efetivamente um fetiche como *perversão* ou não. Em alguns momentos, mesmo que não falasse de intensidades, dá a impressão de que considera algo que é de uma ordem de fetiche mais perversa do que outra, em termos de intensidade. Interessar-se pelos pés é fetiche, gostar de chulé já é perverso. Isto é problema do nariz de Freud que, aliás, teve uma longa história: certo sniff-sniff que durou algumas décadas e certo roça-roça com um certo cavalheiro, que resultou em coisas terríveis: até, quem sabe, em morte.

Não podemos nos deixar carrear com facilidade por conceitos que se tornam eles próprios fetiches e começam a comandar nosso

pensamento e paralisar nossas ações. O conceito de fetiche se adere então ao de perversão. Aí, poderiam dizer, é claro: fetiche é algo mais brando e perversão, sim, esta é uma coisa horrorosa. Não é não. Perversão é um conceito que fala exatamente do que todos somos. Freud, antes ainda do aparecimento da famosa estrutura perversa em Lacan, que é recente, teve que considerar que não há condição de aproximação de gozo sem certa construtura perversa. Muito inteligentemente a chamou de *perversão polimorfa*, que é supostamente aquela da criança. Depois, viria a ordem do recalque. E ele tentou reportar a comanda do recalque, em suas peripécias dentro da vida do indivíduo, à formação do que pudesse efetivamente chamar de perversão instalada. Mas a história da tal perversão é muito suja, muito perversa no sentido ruim em que se usa falar de perversão. Não é um conceito científico, médico ou psicanalítico de início, e sim estritamente jurídico. Ou seja, certa comunidade acha que comer bolo é correto e comer pudim é coisa feia. Então, quem come pudim é perverso. Em termos de sexualidade, isso pesa muito. Começam a considerar que tal comportamento sexual permitido pela comunidade é normal – claro, é a normalidade do grupo – e tal outro não permitido, sabe-se lá por que motivo, de onde partem as forças recalcentes, comprometidas com que malefícios ou benefícios, é perverso e o sujeito que o pratica deve ser entregue aos juízes e depois ao carrasco, pois cometeu um ato perverso, o que quer dizer um ato

maldoso ou que reverteu a ordem natural das coisas, como se a humanidade tivesse tal ordem.

Quando os médicos tentam recuperar das mãos dos juristas boa parte do poder que ainda não tinham, alegaram que era preciso parar de tratar os pobrezinhos dos perversos como se fossem maldosos. Eles não têm que ir para a cadeia ou para o patíbulo, e sim para o hospital, pois são apenas doentinhos. Mas a coisa continuava a mesma por trás. O juízo sobre o que talvez não tivesse nenhum sentido dentro de uma estrutura ampla de reconhecimento, seja na ordem da neurose, da psicose ou de qualquer coisa, passa a ser imediatamente algo que não se deve mais tratar mal porque o pobrezinho é doente. E isto é bem pior. É melhor ser criminoso do que doente diante do companheiro. É preferível, no caso, a ordem jurídica. Freud caiu nessa esparrela, em que, aliás, não podia não cair cercado que estava por uma situação difícil. Tinha que fazer vingar – o termo é este mesmo – a psicanálise e, para isso, tinha que levar as coisas mais ou menos de acordo com a terminologia e com certas concepções que lhe eram contemporâneas. É claro que, com frequência, teve a audácia de romper e mesmo, nesse caso, rompeu ao inventar a perversão polimorfa para dizer que todos somos assim, de começo pelo menos. Mas o jogo que fez com o conceito continua um pouco compromissado com o histórico jurídico e médico anterior.

Muitos psicanalistas trataram da questão, mas ninguém teve muita audácia em separar o que são construtos psíquicos daqueles

que são sociais, jurídicos, de gosto, estéticos, policiais, etc., para se entender as coisas cada qual em seu lugar. Do ponto de vista técnico, uma coisa pode simplesmente ser o comum de qualquer perversão, não ter diferença alguma entre uma e outra e, do ponto de vista jurídico ou policial, ter outra instalação. Para nós, então, junto com o pessoal que vai falar aqui – mormente os artistas que, em sua experiência um pouco mais liberada para com as situações, sempre têm muito para dizer a esse respeito –, trata-se de aproveitar a ocasião para limpar um pouco a área, que é de alta tensão e frequentemente utilizada para massacrar o próximo com coisas que não têm a menor importância, nem social nem individualmente.

2. Por que disse eu que o fetiche sempre encontra o feticheiro, ou que o feitiço encontra sempre o feiticeiro? Porque, e agora tentarei definir de maneira mais abstrata, mais abrangente, O FETICHE É UMA FORMAÇÃO QUE SUPOSTAMENTE GARANTE UM PODER DE GOZO PARA SEU ENFEITIÇADO. Uma formação é qualquer coisa que se forme, qualquer conjunto, agregado de qualquer espécie. Então, quando uma formação supostamente garante um poder de gozo àquele que está regido por ela, chama-se *fetiche*. Desafio qualquer um a traçar uma fronteira nítida, teórica que seja, entre fetiche e perversão. Não há. Digamos que certos fetiches são permitidos pela sociedade porque são bonzinhos. São perversões que, parece, não fazem mal nem mesmo ao outdoor da

esquina. E outros, determinadas culturas repudiam com veemência. Do ponto de vista da sua estruturação, são a mesma coisa.

Não vamos confundir fetiche ou ato perverso, mínimo que seja, com a repercussão que possa ter na cabeça do vizinho neurótico. Nada temos a ver com isso. Não podemos, como tem julgado a história do psiquismo tratado pelos discursos psi – psicanalítico, psiquiátrico ou psicológico –, aceitar que o discurso do neurótico é que tem razão. Fala-se até em normalidade do neurótico, no comum neurótico. Não vejo comum algum. Hoje em dia então não vejo que a normalidade seja neurótica, mas, pelo contrário, bastante perversinha. Estamos vivendo um momento de franca perversidade social. O que tem ganho é a perversidade se fingindo de neurose e não se permitindo dizer seu próprio nome, o que é pior ainda. Mas essas formações qualificam os indivíduos. Cada um goza como pode, por onde pode, ou seja, cada um goza como goza. Ponto! A única coisa que se pode discutir é: – Sua forma de gozo está interferindo na minha? Aí, vai-se para o político. Não confundir isto com psicanálise!

Todo mundo é fetichista. Todos têm sua perversão. É claro que existem formações que não são meramente perversas, e sim, como chamo, perversidades. Faço, portanto, diferença entre perversão e perversidade. Perversão é o que me faz gozar. Gozo em qualquer sentido, e não só gozo do órgão, o orgasmo. Tenho gozo dos meus bens, em sentido jurídico; da minha saúde, em sentido médico; das minhas faculdades, no sentido da minha potência

mental, etc. O que quer que me faça gozar de qualquer modo para mim é o fetiche que sustenta minha perversão. Então, repetindo, perversão é o modo como se goza. Entretanto, alguns querem fazer o que não podem fazer: obrigar a terceiros que gozem como ele. Ou obrigar que sirvam de esteio para seu próprio gozo. Isto sim é perversidade – e não mais do que isto. Estamos bem longe do tempo em que se podia, com um mínimo de aparência de garantia científica ou filosófica, fosse religiosa ou qualquer outra, dizer que o modo como o colega do lado está gozando é perverso e o seu próprio maravilhoso. Não é assim. Seu modo de gozar é tão perverso quanto o dele, só que diferente.

Tome-se, por exemplo, a hipótese da co-naturalidade dos gozos. Muito frequentemente se diz que o gozo de alguém não é natural. Vocês conhecem alguma pessoa que tenha algum gozo natural? Nunca vi nenhuma. Estamos diante da espécie humana. Gozo natural quem pode ter é cachorro, gato, cavalo... Isto, se não forem domésticos. Animal doméstico é perversinho porque tem um dono para sacaneá-lo, dar ao cachorro comida que não é de cachorro, etc. Nada em nós é natural porque somos a espécie maluca que foi absolutamente revirada, retorcida por ser isso que somos. Alguns dizem que é por causa do tal simbólico, da linguagem. Não acho. Para mim, há uma máquina interna que faz reviramento. Somos a espécie que diz *não*, que diz também o contrário do que quer que se possa dizer. Ao que quer que alguém diga, posso dizer o contrário e, mais, posso lutar politicamente por

esse contrário. Seja o que for, para bem ou para mal, esta é a espécie que somos. Não adianta bancarmos os bonzinhos e dizer que fulano tem uns gostos, mas que são para o mal. Por quê? A questão é política, em última instância. A espécie é assim. Não temos co-naturalidade com forma de gozo alguma. Não adianta dizer que heterossexualidade é normal. Normal por quê? Por que faz neném? Laboratório também faz. Estamos chegando à época em que se compra neném na farmácia – e vai custar barato. Ou então se pede para a seringa. O que é mais perverso? A homossexualidade ou transar com a seringa para fazer neném? São igualmente perversas. Portanto, a heterossexualidade é tão perversa quanto a homo, quanto a seringa, quanto a fábrica... É tudo perverso porque a humanidade é perversa. Mas não é preciso botar perversidade em cima disso. Não devemos permitir – e esta é uma questão essencialmente política – que alguém use de sua própria perversão para a impor aos demais. Inclusive, já é perversão alguém chamar de perverso o que tem o mesmo valor da perversão que ele tem. Isto já é uma perversidade.

3. Cada um arranja seu modo de gozo, seu modo de fetiche, misturados com suas *fantasias*, que são deslanchadoras de gozo. Cada grupo até tem fetiche privilegiado. Talvez só porque as pessoas tenham vivido por perto. Uma conta para outra quando é criancinha e vai-se forjando a ideia de que certos objetos, certas coisas, são mais interessantes para aquela cultura do que outros. No

Brasil, por exemplo, viva a bunda! Até as mulheres – e já vi isso na televisão – ficam falando da bunda de tal rapaz. Quero ver é comerem a bunda dele. Aliás, elas comem... Nos Estados Unidos, é a mania do peitão. Os franceses adoram odores e sabores. É do chulé ao esmegma, camembert, roquefort... Vem depois do jantar e vai junto. Até não se toma muito banho, se não se perde o odor nacional. É respeitável. Quem não comeu não sabe o prazer que aquilo dá. Outros povos fazem outras coisas. Ultimamente, as mulheres brasileiras estão fazendo uma pequena traição cultural. Começaram a aumentar os peitos. Devem estar querendo ganhar a vida nos Estados Unidos, pois aqui não se faz questão disso. Superstições, crendices, tudo isso pode funcionar como pequenos fetiches porque fazem o sujeito gozar de alguma coisa. Até mesmo gozo do órgão. Na crença de uma superstição, acaba gozando. Parecia que não ia conseguir, coloca-se o fetiche e ele goza, pois não consegue relativizar e precisa dele. Podíamos ser um pouco mais invejosos. Ter inveja do fetiche do outro. Eu tenho. Morro de inveja quando vejo alguém gozando com alguma coisa que detesto. Penso: – Ainda tem mais uma que não tenho, uma posição que não é a minha. Acho que isto é ter o mínimo de disponibilidade para a cura dentro da ordem, por exemplo, dos objetos de desejo, de prazer e de gozo.

Existem casos interessantíssimos da ordem do fetiche. Meu mestre Jacques Lacan tinha por mestre Clérambault, um dos maiores psiquiatras da França em sua época, o qual tinha um

fetichismo fortíssimo por tecidos. Era um tremendo colecionador, envolvia-se com aqueles tecidos e devia gozar de montão. Para quem conhece a coisa, deve achar interessante. Um dia, deu um tiro na cabeça ou sei lá onde e se matou. Alguns acham que foi por causa do fetichismo. Não se sabe, pois ele podia ter problemas sérios com a questão da morte, da saúde. Certamente, não foi por gozar com os tecidos, o que, aliás, é um gozo angélico, de uma eloquente simplicidade. Existem fetichismos nacionais espantosos. Há alguns anos li num jornal que (não lembro exatamente se) Itália ou Inglaterra era a feliz proprietária da piroca de Napoleão Bonaparte. No rififi lá do final daquele Império, quando de sua morte, deceparam-lhe o fetichinho e o guardaram. Isto acabou criando certo problema e a França veio a requisitar de volta seu grande fetichismo de imperialismo que era: nada menos que a piroca de Napoleão. De lá para cá, a França deve gozar mais. Também a Tiazinha, com quem por aqui tantos hoje estão fascinados e esperando a boa chance de levar uma gostosa chicotada. Seja mulher, quem for, sempre se tem um gosto de tomar uma fetichada.

Como disse, a fronteira entre fetichismo e perversão é indiscernível. Quando era bem jovem, conheci um rapaz que tinha um problema supostamente muito sério e até falava dele com os amigos. Ele estava trabalhando no escritório conosco, começava a chover e ele saía desesperado porque tinha obrigatoriamente que comer alguém quando chovia. Não adiantava masturbação. É claro que é uma compulsão ligada a um processo perverso, etc., mas há

o fetiche da chuva que ele montou de algum modo em algum lugar. Ali, era uma compulsão, mas procurem entre vocês e os amigos, e verão que uma chuvinha sempre dá uma lembrada de que é hora daquilo. É um fetichezinho muito comum. E a quantidade de executivos que já conheci que não consegue sair do trabalho e ir direto para casa porque entre o centro da Cidade e a casa há os travestis da Lapa? Não pesquisei para saber por que é característica de executivos. Fetichinho danado de bom...

Quero lhes contar um fetiche engraçado, que é da ordem do gozo de órgão, do orgasmo, com o qual fiquei perplexo a vida inteira e nunca consegui analisar direito. Não é de analisando, mas de um colega meu em certa escola militar, onde, por obrigação, para passar de ano, tínhamos que fazer exercícios físicos. Havia o chamado pórtico, com as cordas e escadas que devíamos subir, descer, etc. Esse menino, quando chegava sua vez de fazer a prova, todos ficavam em volta para a... gozação. Ele subia na corda; chegava lá em cima, ele gozava, com ejaculação e tudo, e aí caía, despencava. Sofria demais, pois era uma vergonha e não conseguia parar com aquilo. Ficou com o apelido de “O Homem da Corda”. Quando ele passava pelas cordas dizíamos que as meninas dele estavam lá, sempre esperando. Ele ficou debaixo dessa gozação infinita o tempo todo que ali esteve. Nessa época eu tinha meus dezessete anos, já lia Freud, já tinha essa curiosidade e, com muito cuidado, me aproximei dele e comecei a sondar. Queria saber por que acontecia aquilo. Nunca entendi. Um lacaniano hoje diria que

é óbvio, que era o verbo trepar. Trepou, gozou. Mas não era. Um dia, ele me disse exatamente porque gozava: era a corda no meio das pernas. Ele não conseguia manter aquele atrito muito tempo. Ele dizia que, se conseguisse subir só com as mãos, não passaria por isso. Não sei se conseguiu. E por aí vão os exemplos: calcinhas, sapatos... Cada um que está sentado aqui vai lembrar que tem um gozozinho ligado àquilo assim-assim. Não precisa confessar. Muito pelo contrário, guarde para você, não conte para ninguém, se não, algum pode dizer que você é maluco.

Há o processo da fetichização. Este sim é uma faca de dois gumes. Não é sempre mau, é bom também. Marx, por exemplo, como lembrou Maria Rita Kehl, falou da fetichização da mercadoria. Ele é brilhante, mas sua vontade de exterminar o mal do mundo traz algo meio bobo quando considera que o fetichismo na mercadoria, primeiro, é algo que pode ser eliminado, segundo, que é algo que faça mal. Não faz mal algum. Só nos interessamos por mercadorias que nos tragam algum gozo. Seja mesmo o gozo da saúde, de terminar com a doença, etc. E tentar algum ganho de gozo com a mercadoria a coloca necessariamente no lugar de fetiche. Outra coisa é – e parece que Marx não entendia isto muito bem (*modus in rebus*, pois desenvolveu com muita qualidade) – a questão: posso eu me aproveitar do domínio de uma situação de fetichização de determinado objeto na mercadoria para oprimir o próximo? Isto se chama perversidade. Perversidade eminentemente social.

Há também o *fetichismo cultural*, no qual estamos mergulhados até o queixo sem saber, na maioria das vezes. E que vai resultar em fundamentalismos, cinismos, lutas sangrentas para defender determinado fetiche, uma ideia idiota, a que poderíamos dar uma vírgula, pontuar, modificar um pouquinho e conseguir conviver com o próximo. Time de futebol, etnia, nacionalismo, partido político, crença religiosa, nome de família, território, pátria, etc., etc. O fetichismo cultural também pode ser positivo ou negativo. Vejamos, por exemplo, um nacionalismo, seu torrão, sua ideia de pátria, de cidadão... Pode ser decente e defensável quando exijo que certas formas culturais de meu país – e agora estou falando mesmo que exijo aqui deste país – tenham o direito de expressão em pé de igualdade com quaisquer outras. O lado ruim, seja de quem for, é dizer que sou um nacionalista xenófobo, quero que morram todos os outros, quero destruir as outras culturas e imperar com a minha. Mas exigir que as formas específicas da sintomática de meu país sejam respeitadas em pé de igualdade com as de qualquer outro é de se exigir e é benéfico. Do mesmo modo que o indivíduo tem direito a seu gozo, a seu fetiche. Não está fazendo mal a ninguém. Estou na minha, não me encham o saco, quero assim! E isso devia ir para algum código: o direito ao fetiche. Outra coisa, por exemplo, são certos fetichismos que também são ambíguos, ambivalentes, mas que, em nosso caso de Brasil, são terríveis. São os fetichismos ligados ao estrangeirismo. Não estou

falando de xenofobia. Quero que todas as culturas se deem muito bem e, como disse, gostaria de gozar de todas elas. Por que não?

Outra coisa é pertencer a uma ordem sintomática que é muito típica do Brasil e que temos que começar a lutar para derrubar, enfim, para curar. Há neste país um *fetichismo do estrangeiro* – no sentido positivo. Não é xenofobia, e sim ter que imitar tudo do estrangeiro e valorizar o deles acima do nosso. Isto tem causado muita destruição. Posso citar algumas pessoas das quais ouvi pessoalmente a reclamação de que só conseguiram produzir, criar alguma coisa neste país a duras penas e às vezes até, ao contrário, com apoio do estrangeiro. No Brasil, parece que fica proibido abrir a boca e criar. Imediatamente, desconfiam. Ouvi isso de Villa-Lobos, Anísio Teixeira, Guimarães Rosa, Glauber Rocha, Hilda Hilst, Tom Jobim e muitos outros. Servem como nomes? Todos criadores de primeira qualidade. E outros mais jovens aos quais vocês podem perguntar, alguns estarão aqui neste evento: – Você se acha oprimido pelo fato de dizer o novo? Por que só é permitido dizer o novo do oceano Atlântico para lá, ou acima do Equador? Isto é um fetichismo destrutivo de nosso país e da nossa cultura.

Tenho um fetiche aqui no bolso. Ele já perdeu as características de fetiche porque o desmoralizei. Está dentro de uma caixinha de joia. Quando o peguei, para mim era um fetiche. É uma piteira, que foi de Heitor Villa-Lobos. Quando tinha meus vinte anos, fazia música erudita e ele era uma coisa enorme para mim. Acompanhava todos seus passos e até o conhecia um

pouquinho. Quando fez setenta anos, houve uma grande festa no Teatro Municipal e tive a sorte de ser convidado. Ele não regeu. Mignone regeu uma sinfonia inédita dele, se não me engano a décima-primeira. Depois, no camarim, ele estava fumando um charutão, colocou no cinzeiro e roubei a piteira. A Mindinha soube disso, ele nunca soube. Antes de morrer, pude mostrar a ela que me pediu para colocar no museu. Disse que não, que esse era meu, pois fui eu que roubei. Vejam o que acontece com um jovem que está fascinado por alguém que pertence ao campo de algo que está fazendo e fetichiza. Devo ter imaginado que, tendo sua piteira, iria fazer uma música boa como a dele... Que besteira! Vou guardá-lo para sempre não mais como fetiche, mas como lembrança de um momento de belo fetichismo.

4. Em termos de pensamento e de arte, os artistas sempre nos ajudaram muito a pensar essa questão, sobretudo do início do século XX para cá, 1930 por aí. São muitos que quiseram ajudar nós todos. Por exemplo, Marcel Duchamp, que começou sua carreira solo, digamos, inventando sua obra pessoal no dia em que resolveu criticar e lutar contra um fetichismo, o da terebintina. Alguém não se julgava artista plástico se não estivesse misturado com tinta, terebentina, sempre cheirando a ateliê. Ele, então, foi fazer uma arte em que não há isso, uma arte absolutamente retomada por ele. Se pensarmos em Leonardo da Vinci, lembraremos que já dizia que arte é *cosa mentale* e fazia tudo o que

Duchamp fez, só que muitos ainda acham que sua arte era só pintura. Não, era aquilo tudo que ele fazia. Duchamp entra nessa tradição. Faz outras críticas também, a do fetichismo do objeto, quando constrói *With hidden noise*, um objeto dentro do qual jamais saberemos o que está escondido e só ouvimos seu ruído. Ele nos distancia do objeto: faz o fetiche do objeto não atingível ao mesmo tempo que critica a fetichização do objeto visto, por exemplo. Ele faz também a crítica do fetichismo de partes do corpo com seu *Objet-dard*, que é objeto-dardo em francês, mas soa igualmente objeto-de-arte. É um molde em massa de dentista que tirou da vagina de sua esposa. É um fetiche constituído sobre o pênis: em vez de apresentar um pênis, apresenta o molde em vazio da mulher do pênis, e que tem formato de um pênis. Com isso, dá uma criticada no Freud que dizia que o fetiche é o falo da mãe, etc. É nada. Falo da mãe, é só um dos fetiches, se mãe tiver falo. A minha não tinha... Não devemos ser especialistas demais. Se fico lendo psicanálise o dia inteiro, esqueço que um artista plástico arrasou com determinado conceito e me obrigou a pensar de novo. Os artistas, poetas, filósofos, etc., nos obrigam a dizer que não é bem assim. Ao mesmo tempo que não temos que abrir mão de nosso ponto de vista psicanalítico e que devemos considerá-los todos clientela. Então, a coisa é recíproca: todos são meus clientes e todos são meus críticos. Assim, funcionamos legal.

Para encerrar, faço questão de tomar alguns exemplos brasileiros. Desculpem os demais, que são muitos, mas apenas tomarei

alguns porque estarão talvez neste evento e vocês poderão conversar com eles para ver como lidaram com a questão de sua fantasia, de seu fetiche, de sua pequena perversão. **Tunga**, que conheço desde menino, com suas esculturas de aço, álgidas e portentosas (como fantasmas), com suas louras melenas de latão. Como também suas colunas que são falos rainhas de xadrez torneadas por aquelas mesmas mulher (não é erro de gramática, é erro de caso) em maciças madeiras de lei coroadas por nobres e reluzentes metais. **Arthur Omar**, com os múltiplos esgares de suas caríssimas caras, mais afeitas a dizerem orgasmos múltiplos: e em todos os sentidos desses sentidos. Nosso próprio **Renascimento da Psicanálise, NovaMente**, como campo da EFETIVA NEUTRALIDADE DA ESCUTA, do ACOLHIMENTO DE TODAS AS MANEIRAS DE MANIFESTAÇÃO, DE TODOS OS GOSTOS E DE TODAS AS FORMAS.

Parece que finalmente, junto com o Segundo Século da Era Freudiana, que ora se inaugura, chegamos à vez da **Estética de Fernando Pessoa**, e podemos seguir mais à vontade seu lema fundamental: “Sentir tudo de todas as maneiras”. Em nosso tempo, hoje em dia, é claro que já não se trata mais de nenhuma Vanguarda eventualmente contrária a alguma Retaguarda reativa, pois que todas as vanguardas foram destituídas no caldeirão Pós-Moderno. Mas sim de alguma **PANGUARDA** – aquela que defende a expressão de tudo, de todas as maneiras, **precisa e poeticamente entretanto**, e necessariamente. Para nós, é a vez da

PANGUARDA. E a Panguarda é obra de MANEIROs. Então recomeçemos logo tudo **NovaMente**.

[segue palestra de Joel Birman]

(...)

• P – *Como se pode falar de homossexualização no sentido pejorativo?*

Sou absolutamente contra debates. Não tenho motivo algum para ficar me debatendo, estou calmo. Então, acho que, quando há dois palestrantes, a mesma pergunta deve ser respondida pelos dois. Serão duas maneiras diferentes de escutar, e cada qual responde o que achar melhor.

Joel falou muito bem de homossexualização, no sentido ruim da palavra. Tentarei arrumar de um jeito meu para ver se dá para ficar claro. De modo geral, chamamos de homossexual alguém com um tipo de corpo que transa com outro com o mesmo tipo de corpo, se é que isto existe. Macho com macho, fêmea com fêmea. Do ponto de vista psicanalítico, resta saber que homo e que hetero são esses que estão em jogo. Homossexualismo no mau sentido é algo bastante enfatizado por Lacan. Ele dizia que os homens são homossexuais, querendo significar com isto que toda vez que transo com outro, o que for, sexo ou não, no sentido de não reconhecer as diferenças e até não gozar com essa diferença, apresentando minhas faltas, minhas mazelas, minhas dificuldades, etc., estou homossexuando o jogo. Em função do hábito das pessoas, talvez fosse mesmo melhor dizer homossexuar em vez de

homossexualizar. Por outro lado, um psicanalista, penso eu, não pode acreditar em homossexualidade. Isto não existe. Se realmente reconheço as diferenças, não conheço ninguém do meu sexo. Qualquer um de quem eu chegue perto é de outro sexo. Nunca vi, depois que fui analisado, mais ninguém do meu sexo. Estou sozinho. Pelo amor de Deus me ajudem! Pode-se gostar de um corpo assim ou assado, etc., mas se aproximamos, aquilo resvala. Não há encontro possível. Lacan costumava dizer que a relação sexual é impossível. Não sei, isso é fala dele. Já fui um lacaniano cabeça inchada, fui aluno dele e seu analisando, mas já não diria mais assim. Diria que não consigo achar iguais. Companheiros, é possível.

[Segue resposta de Joel Birman]

• P – *Como o servir e submeter-se pode proporcionar amparo ao sujeito?*

[Resposta de Joel Birman]

Sei que é possível, mas acho difícil conseguir ao mesmo tempo suspender o imperialismo do falo e sustentar o jogo de produção de conceitos assestados sobre a diferença do modo freudiano. Fica uma questão difícil de resolver, pois realmente não posso abrir mão também de um masoquismo primário. Mais do que isso, chamo de *Masoquismo Originário*, mas que não está esteado diretamente na diferença sexual. Até acho que a diferença sexual é afilhada dele. Acontece uma coisa simples. Não temos, como objeto direto, condição de passar para o lado de nenhum

transcendente. Ao mesmo tempo que somos da espécie que exige uma transcendência. Podemos conjecturar Deus, o Diabo, o que quiserem, para além do que há como salvação, mas isso é a derrelição, o absoluto desamparo em que ficamos. Não há efetivamente advento imediato de nenhum Papai-do-céu que venha nos salvar. Ao mesmo tempo somos uma espécie que exige esse advento. Este é o grande impasse que cria a estrutura mínima disso que Freud chamou de castração – que não se trata de cortar o pipi de ninguém, pois é apenas uma maneira metafórica de apresentar o conceito – e que nos mostra o desamparo absoluto em que vivemos, em última instância pelo menos. Imploramos sim por uma transcendência. Não podemos não implorar. Mas ela não vem, não vem, não vem...

• P – *Os discursos psicanalíticos não seriam constitutivamente cultuadores do individualismo como fetiche? Seja defendendo a perversidade e o gozo, seja conformando-se (com o gozo masoquista e com a falta)?*

Quem perguntou está chamado a psicanálise de perversa. E por que não?

[Resposta de Joel Birman]

A história da psicanálise é tão suja quanto a de qualquer outro discurso. Ela viveu o momento em que o bacana era salvar o indivíduo, e com razão naquela hora. Inventou-se essa coisa toda, até o sujeito cartesiano, na mão de Lacan, arranjou um jeito de entrar depressa lá para fingir que estava curando as pessoas. Mas a

psicanálise que preconizo nada tem a ver com isso. Muito pelo contrário, não faço a menor ideia do que seja indivíduo, não o conheço. Conheço formações, e as formações são extremamente complexas. Quando pensamos em indivíduo, estamos vendo um boneco ao qual nossa cegueira atribui um confinamento dentro de uma casca que não nos apresenta seu limite. A psicanálise, mesmo com todos os erros que fez, com todas as bobagens, os tiros pela culatra – que foram e serão muitos ainda, ela é muito jovem (os filósofos dizem asneiras há milênios, por que não nós?) –, tem crescido, tem feito análise aqui e ali, através da reflexão do analista sobre sua própria situação. A coisa mais importante na história da psicanálise é a análise da psicanálise e, como ela tem feito análise, hoje em dia podemos dizer que não sabemos o que é indivíduo, conhecemos formações.

• P – *Haveria uma maneira de delinear ou de indicar as condições de possibilidade para uma experiência de gozo que inclui a alteridade? Isto em contraposição ao gozo fálico, masoquista, fetichista, que exclui a alteridade?*

[Resposta de Joel Birman]

Aí nesse lugar preciso pensar um pouco pelo avesso do Joel. Não chamo de feminização o processo de cura. Suponho que o processo de cura leva a uma radical Indiferenciação. Esse termo é extremamente perigoso, mas insisto nele. Pode parecer que estou retornando em contrário do que ele disse no caso da perversão. Na língua brasileira as pessoas confundem com indiferença, com

desinteresse ou abandono da questão. Mas para uma pessoa que possa indiferenciar radicalmente entre, por exemplo, duas coisas, significa que ela tem igual interesse pelas duas, que ela pode, pelo menos do ponto de vista mental, colocar com equidade e com neutralidade – que Freud dizia que era o lugar do analista – as duas questões sem imediatamente aplicar seu ato de valoração sintomático pessoal. De tal maneira ajo, trabalho e penso desse modo, e até solicito que os psicanalistas reflitam sobre isso, que também não acredito na lorota – estou chamando assim – da história da psicanálise, em que acreditamos durante muito tempo, de que perverso não procura análise. Isto não é verdade na medida em que a conceituação da perversão, juntamente com o processo de ereção do falo, é o caso de dizer, em imperial, que levaram a psicanálise, mesmo Freud.... Freud diz muita besteira como nós. Não vamos fetichizar o velho. É um gênio maravilhoso, um médio analista, não muito grande, disse coisas geniais... e um monte de asneiras. Todos nós dizemos. Um dia verificarão que estou dizendo um monte de asneiras. É normal, é assim mesmo. Não podemos agir como as religiões que dizem: – Está no Alcorão! Está no Freud! Sim, mas é uma asneira. Vamos com calma, pois ele mesmo me deu condições para isto uma vez que inventou a psicanálise, me ajudou a me analisar, inclusive me deu condições de ficar curado dele. Quero ficar bom desse cara. Perverso procura análise sim. O que está errado é a conceituação. Ele, mesmo que não saiba dizer

de imediato, procura análise reclamando do índice gerador de sua perversão.

Há outro ponto sobre o qual preciso fazer o avesso. A pergunta foi: como gozar na atitude de alteridade? Estamos aí no âmbito Lacan, na questão do Outro, etc. Não estou insistindo nesse ponto da alteridade, e sim dizendo que não é possível gozar fora desse âmbito. Se não, pode ficar a impressão de que uns caras gozam na homo e outros na hetero. Não gozam não. Se você atinge, mesmo do ponto de vista jurídico ou médico, um nível de gozo, você declina, cai. O gozo é sobretudo você passar por um processo que o joga imediatamente no desamparo, de novo. É claro que você acende um cigarro, que vira para o lado e dorme. *Post coitum animal triste*. Por quê? Porque levou uma das melhores? Não! O que é ruim é o procedimento de tentar alcançar um gozo sem diferença, a insistência do danadinho de querer o gozo sem diferença. Mas quando goza mesmo, ele quebra a cara. Por isso, fiz a brincadeira com a piroca do Napoleão. Não adiantou nada, ele quebrou a cara. Sempre se quebra a cara. É assim mesmo. É a hora do gozo. Mas tudo pode recomeçar – NovaMente, NovaMente...